

RUBEM BRAGA

6.4
4.8:6=1.2

E, se possível, tocar fagote

DV 25.1.48
DN 3.3.66
DN 29.8.69
RN n.º 32
M 383
FLV, Mov. 80
"Se Prim"

A NIBAL Machado contou que, algum tempo depois de casado, se viu desempregado e sem dinheiro no Rio. Desempregado, sem dinheiro e com várias filhas meninas. O português, dono da casa em que ele morava, tinha um ar feroz, mas era a flor dos senhorios: esperava meses e meses que "seu doutoure" pudesse dar alguma coisa por conta dos atrasados. Mas nem todo credor era assim, e alguns vinham todo dia bater à porta, enchendo de angústia o escritor.

"O que me salvou foi a praia" — disse Aníbal.

Metia um calção de banho e ia para a areia. Lá respirava feliz, diante do mar. Um dia viu um credor que andava de um lado para outro, na calçada. Fêz que não viu — e caiu n'água. O homem foi-se embora...

Se o Rio de Janeiro não tivesse mar, seria a Capital da angústia. Vivi aqui dias tristes, sombrios, em que faltava não apenas dinheiro como liberdade. Era perigoso visitar um amigo ou receber uma visita; conversar num bar ou num café, ainda mais. Só havia um território livre, democrático, limpo, onde a gente podia se encontrar: a praia. Com o vento do mar e o sol que brilha para todos. E as ondas recitando Baudelaire:

Homme libre, toujours tu cheriras la mer...

* * *

OS problemas do Brasil, as mesquinhas de nossa vida pública, a miséria fundamental de nosso povo, tôdas essas coisas que de repente cansam e desanimam uma pessoa sensível. Evandro Pequeno encontrou uma solução: "eu sou um suco em trânsito."

Não saber de nada, não entender uma palavra do que estão dizendo e escrevendo por aí, não ter nada a ver com nada, não se sentir responsável por nada, não ter vergonha de nada: ser um suco em trânsito...

E, se possível, como Evandro Pequeno, tocar fagote.

383 - 22.8.59

